

TROPEANDO A SAUDADE

Albeni Carmo de Oliveira

Em um rancho na cidade grande
 Um velho xiru mateia.
 Quem o vê talvez não creia
 Que este velho bonachão
 Cabelos brancos risão
 Golpeando um trago de canha,
 Já foi moço de campanha
 Andou em campo e galpão.

Ouviu o berro do gado
 E o cantar da passarada,
 Levantou de madrugada
 Bebeu leite na mangueira.
 Com carro de curticeira
 Foi guri junto a seus pais,
 Forjou os seus ideais
 Nos moldes da antiguidade,
 Onde respeito e amizade
 Não se esqueciam jamais.

Viu carreiras em cancha reta
 Jogo de osso, peleia,
 E em noite de lua cheia
 Caçadas e pescarias,
 E as trovas de aporia
 Com versos cheirando a chão,
 Gaita ponto e violão
 Nas rodas de cantoria.

A água pura de vertente
 E quantos banhos de sanga,
 O gosto bom da pitanga
 Do araçá ou guamirim,
 E do perfume de jasmim
 Também do manjericão,
 De uma mãe dando lição
 Com varas de alecrim.

Mas eis que um dia o progresso
 Lhe cabresteou finalmente.
 Deixou para trás sua gente
 E mudou-se de querência,
 Mas trouxe junto a experiência
 Da escola grande da vida,
 E nesta estrada comprida
 Moldou sua existência.

Hoje junto à sua patroa
 Restam causos, brincadeiras.
 Se a vida não tem porteiras
 P'ra quem luta bravamente,

Entra para dentro da gente
 Abre o baú do passado,
 E nos fala emocionado
 O que restou do presente.

Restou-lhe campos floridos
 Na estrada do pensamento,
 E as idéias de Bento
 De que houve igualdade.
 Um coração sem maldade
 De um peão experiente,
 Que plantou sua semente
 Do interior na cidade.

Às vezes ele pára e pensa
 Como tudo foi mudando
 E progresso transformando
 O Santa Fé em concreto.
 Até o próprio dialeto
 Mudou da noite pro dia,
 Os mais velhos é tio e tia
 Assim em forma de afeto.

Por onde passavam tropas
 Passa hoje um caminhão.
 A velha luz do lampião
 Deu luz a fluorescente,
 Nunca mais viu a vertente
 Por certo contaminada,
 Ou talvez canalizada
 Numa mansão imponente.

O que será que ele pensa
 Ao ver tanto modernismo?
 Onde o próprio gauchismo
 Em comércio vai virando,
 Onde o forte vai mandando
 E o fraco sempre oprimido,
 O herói fica esquecido
 E a miséria nos rondando.

O que será que ele pensa
 Com aquela cuia na mão?
 Talvez seu coração
 Corcoveie de ansiedade,
 Talvez olhando a cidade
 Que foi vila no passado,
 Vislumbre um pingo encilhado
 para tropear a saudade.